

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

FÁBIO ANDRÉ ZICH

**FATORES DETERMINANTES PARA A NÃO SUCESSÃO RURAL PELOS JOVENS
DE SEUS PAIS EM UMA LOCALIDADE DO INTERIOR DO MUNICÍPIO - TRÊS
DE MAIO - RS**

Porto Alegre

2017

FÁBIO ANDRÉ ZICH

**FATORES DETERMINANTES PARA A NÃO SUCESSÃO RURAL PELOS JOVENS
DE SEUS PAIS EM UMA LOCALIDADE DO INTERIOR DO MUNICÍPIO - TRÊS
DE MAIO - RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Antônio Conterato

Coorientadora: Prof. Doutoranda Sarita Mercedes Fernandez

Porto Alegre

2017

FÁBIO ANDRÉ ZICH

**FATORES DETERMINANTES PARA A NÃO SUCESSÃO RURAL PELOS JOVENS
DE SEUS PAIS EM UMA LOCALIDADE DO INTERIOR DO MUNICÍPIO - TRÊS
DE MAIO - RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, _____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Antônio Conterato – Orientador
UFRGS

Profa. Dra. Cátia Grisa
CPDA/UFRRJ

Prof. Dr. Paulo Dabdab Waquil
University of Wisconsin-Madison – EUA

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha família, meu pai Plinio Lauro Zich, minha mãe Zenilda Nelcy Zich, aos meus filhos Arthur e Manuela, e principalmente a minha principal mentora e companheira em todas as horas, minha esposa Armanda, sem eles ao meu lado não teria conseguido.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por me guiar no caminho certo, a UFRGS e ao Polo de Três de Maio pela oportunidade a mim concedida, aos amigos agricultores que abriram as portas de suas propriedades para que eu pudesse fazer meus estudos, as entidades que me ajudaram de alguma forma dando informações e dados para minhas pesquisas, aos meus colegas e tutores que me ajudaram de uma forma ou de outra nesse caminho, aos professores do PLAGEDER que tiveram paciência e competência para planejar e ensinar de maneira clara e objetiva todo conteúdo do curso, enfim obrigado a todos.

RESUMO

O presente trabalho visa analisar alguns elementos que influenciam a juventude rural do município de Três de Maio – RS a não seguirem nas atividades das propriedades de suas famílias, acarretando a não sucessão rural nas UPA's. Em uma análise feita com cinco dessas famílias no município foi possível observar alguns dos motivos que levaram esses jovens a optarem pelo urbano e não pelo rural. O efeito das decisões desses jovens acarreta num envelhecimento da população local e na falta de expectativa da continuidade e da troca do gerenciamento do negócio familiar que veio passando, de geração para geração, dentro de um círculo familiar de pai para filho. O desenvolvimento da modernização da agricultura e o processo das novas tecnologias do urbano, juntamente com o fim das escolas das localidades rurais, são alguns dos fatores determinantes, já que em gerações anteriores todos os filhos gostariam de permanecerem nas propriedades da família. Atualmente os pais incentivam os filhos a buscarem, cada vez mais, conhecimento e educação, longe de suas propriedades, fazendo com que praticamente todos sigam caminhos no urbano, ou que poucos voltem para assumir os negócios da família.

Palavras-chave: Não Sucessão, Jovens, Agricultura, Propriedades.

ABSTRACT

The present study aims to analyze some elements that influence the rural youth of the municipality of Três de Maio - RS not to follow in the activities of their families' properties, leading to non-rural succession in the UPA's. In an analysis made with five of these families in the municipality, it was possible to observe some of the reasons that led these young people to opt for the urban rather than the rural one. The effect of these young people's decisions leads to an aging local population and the lack of expectation of the continuity and the change of management of the family business that has passed from generation to generation within a family circle from father to son. The development of modernization of agriculture and the process of new urban technologies, together with the end of schools in rural areas, are some of the determining factors, since in previous generations all children would like to remain on family estates. Nowadays parents encourage their children to seek more and more knowledge and education away from their property, making almost everyone follow paths in the urban area, or that few come back to take over the family business.

Keywords: No Succession, Youth, Agriculture, Property.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1- Reprodução Socioeconômica na Localidade Estudada	14
2.2 A Não Sucessão Familiar	14
2.3 A Sucessão Familiar	18
2.4 O conceito de “jovem” adotado na pesquisa.	19
3. METODOLOGIA	19
4. RESULTADOS DA PESQUISA	22
4.1 Família Número Um	22
4.2 Família Número Dois.....	23
4.3 Família Número Três	24
4.4 Família Número Quatro	25
4.5 Família Número Cinco.....	27
4.6 Outros resultados encontrados	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6. REFRÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema “a não sucessão das atividades agrícolas de uma localidade do interior do município de Três de Maio”. A proposta do estudo em questão é analisar os motivos que esses jovens alegam para não continuarem as atividades de suas famílias, e o que seus familiares pensam e falam sobre esse assunto.

A comunidade a ser estudada, localiza-se no interior do município de Três de Maio, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, a cerca de 480 km da capital Porto Alegre (ROTA MAPAS, 2017).

Conforme Abramovay et al. (1998), em outras épocas ser filho de agricultor era sinônimo de também ser agricultor, no entanto nos dias atuais ser filho de agricultor não significa necessariamente que ele siga na mesma atividade de seus pais, ou seja, não é o fato de serem filhos de agricultores o que vai determinar que eles exerçam a mesma atividade ou modo de vida de seus pais.

O processo de sucessão tem uma atenção muito especial da sociedade rural, pois abrange um componente chave que é o patrimônio da família, o segmento da atividade ou da profissão do pai, e a troca do comando da propriedade com a saída de uma geração antiga para entrada de seus sucessores (JUCHEM et al. 2005, p.2). Esta não sucessão nas atividades agrícolas faz com que jovens busquem outras atividades geralmente migrando para o urbano, ocasionando um êxodo juvenil do meio rural.

O êxodo rural corresponde ao processo de migração em massa da população do campo para as cidades, tendo como consequência um aumento populacional desordenado nas cidades e um envelhecimento das comunidades no meio rural (PENA; 2011). Ainda de acordo com Pena (2011), o êxodo rural ocorreu de forma mais intensa, entre as décadas de 1960 e 1980, nas décadas seguintes continuou mantendo patamares relativamente elevados, mas perdeu força na entrada dos anos 2000.

Os principais fatores causadores da migração das pessoas que deixam o rural visando uma vida melhor no urbano são decorrentes da modernização da agricultura, que tem efeitos diretos na liberação da mão de obra desse segmento (FLECK & BECKER, 2011, p. 1), também pode se dizer que essa aceleração na migração rural-urbana, pode ser decorrente de uma caracterização de um processo de expulsão, onde conflitos por causa de posse de terras ou catástrofes climáticas favorecem muito para os jovens abandonarem o rural. Na localidade estudada, grande parte dos jovens abandonou o meio rural e buscaram trilhar suas vidas nas cidades da região, ou até mesmo nos grandes centros do país.

Na maioria, são filhos de pequenos agricultores que tinham poucas áreas de terra, ou vivem de uma renda mínima tirada da venda de leite, ou da produção de grãos, muitos deles praticando a agricultura em terras de baixo cultivo ou áreas de difícil acesso. Alguns desses jovens até queriam permanecer e dar segmento às atividades das propriedades de suas famílias, mas por seus pais terem muita dificuldade no passado e não enxergarem, em sua propriedade, futuro para seus filhos, optaram por obrigá-los a estudarem e procurarem empregos nos centros urbanos. O que pode ser percebido é o fato de que muitos jovens quando crianças gostam e permanecem no campo, porém à medida que vão crescendo e tendo mais entendimento esses, já adolescentes vêm a cidade como uma obsessão de vida (LUZ, 2011). Normalmente a decorrência da migração do rural para o urbano é muito variável, porém, deve-se analisar e observar a complexidade da problemática desses fatos, buscando se ter uma perspectiva multidisciplinar e holística para que com isso se possa ter soluções corretas a serem realizadas (OLIVEIRA, FLECK & BECKER, 2011, p. 4).

Pena (2011) destaca que os efeitos da não sucessão nas atividades rurais no Brasil são a aceleração da urbanização, expansão desmedida das periferias urbanas, aumento do desemprego e do emprego informal, formação de vazios demográficos no campo, concentração da produção do campo, na medida em que a menor disponibilidade de terras proporciona maior mobilidade da população rural, de média e baixa renda, mecanização do campo, fatores atrativos oferecidos pelas cidades.

O estudo também indicara alguns fatos relatados, feitos por algumas famílias da localidade estudada, onde essas falam da importância e da influência que teve para os jovens da comunidade, o término das escolas do interior e a mudança da educação que tinham no rural, para a educação no urbano.

Fazendo uma análise mais aprofundada por meio da reforma adotada, se consegue observar que alguns direitos básicos dos adolescentes e crianças que têm idade escolar, terão um grande prejuízo cultural, social e intelectual se forem retirados do lugar onde nasceram e cresceram, ou de sua comunidade, porque com o fechamento das tradicionais escolinhas do interior, em que essas estão presentes em várias localidades brasileiras, fazem com que esses alunos sejam obrigados a terminarem sua alfabetização em escolas urbanas, onde os critérios de ensino e convivência são regidos pela administração do município (GNIGLER, 2010, p.1).

A evasão juvenil do rural, no Brasil, segundo a FETAEP (2015) tem como condicionantes para o abandono dos jovens das atividades agrícolas nas propriedades de suas famílias, as dificuldades do acesso à terra, a créditos rurais, e liberdade de administração nas propriedades, muitas vezes, oprimida pelos pais.

As principais causas para que os jovens não sigam na atividade agrícola são os atrativos do urbano, assim a sucessão familiar dentro das propriedades torna-se comprometida, de forma a inviabilizar, muitas vezes, a visão de futuro no que tange ao desenvolvimento das atividades rurais das propriedades (DALCIN; TROIAN 2009).

Com a diminuição relativa das escolas no meio rural os jovens tiveram que ir estudar nos centros urbanos, tendo um deslumbre com a comodidade e a facilidade do alcance das modernidades e novas tecnologias, outra questão comentada por eles são anos de sofrimento que seus pais, ou antepassados, passaram para construir suas propriedades fazendo com que esses jovens vissem na cidade uma melhor oportunidade de crescimento profissional e financeiro.

Alguns estudos sobre processos educativos mostram lacunas no que se refere ao seu desenvolvimento, eles apresentam a tendência da educação na cidade ser melhor, dizendo que o espaço rural tem apenas relacionamento com o desenvolvimento nacional em especial na produção de alimentos, afirmando assim que as tecnologias estão na educação no urbano, fazendo com que a busca por novas atividades nas cidades se tornem cada vez mais frequentes (SIKORA, 2011, p. 2).

O poder público vem facilitando incentivos para modernização das propriedades rurais e incentivando as famílias a permanecerem em suas propriedades, com isso a ideia era que os jovens ficassem nas propriedades de seus pais e dessem segmento às atividades, mas nessa localidade não foi isso que aconteceu com muitas das famílias, o que levou esses jovens, mesmo com incentivos governamentais, a abandonarem o campo e buscarem fazer suas vidas no meio urbano (Carneiro; Castro, 2007 apud DALCIN; TROIAN, 2009, p. 5):

O cotidiano da vida nesses espaços familiares e as expectativas do futuro têm ligação direta com o passado e as tradições das famílias, onde se torna inspiração para as decisões do futuro e do presente desses jovens, com isso pode se ter uma base das práticas e preferências das heranças e sucessões e das migrações que serão temporárias, ou definitivas, desses jovens para o urbano (CARNEIRO; CASTRO, 2007 apud DALCIN; TROIAN, 2009, p. 5).

A juventude é uma etapa da vida onde muitos definem o que desejam ser ou o que irão buscar para seu futuro, uma fase, na maioria das vezes, de expectativas, ilusões e sonhos para seu futuro. Nessa etapa da vida a maioria dos jovens se depara com indefinições e divergências, onde com o fim dos estudos e o início da vida profissional, juntamente com a saída da casa dos pais, ou com a formação de suas próprias famílias, ou por causa de sua faixa etária de idade (CARNEIRO; CASTRO, 2017 apud DALCIN; TROIAN, 2009, p. 4).

Entretanto, são esses jovens que acabam abandonando seu lar no meio rural em busca de novas oportunidades, ou de uma vida teoricamente mais fácil no meio urbano, com as dificuldades encontradas na construção de novas maneiras de organizar a UPA (unidade de produção agrícola), o desejo de muitos jovens de não dar continuidade às propriedades da maneira como seus pais vêm trabalhando no rural. Com isso pode-se dizer que a não sucessão rural em que é predominante a agricultura familiar hoje, está atingindo as populações jovens com muito mais ênfase do que em momentos passados. (DALCIN e TROIAN; 2009).

A busca por oportunidades melhores no urbano se torna um dos principais motivos do não segmento das atividades agrícolas, dentro dessas famílias do meio rural, onde buscam independência financeira e uma vida longe do controle familiar, muitas vezes, trazida como mágoa de casa. Aquele jovem que mora com seus pais ainda são dependentes deles, não sendo os proprietários das terras tendo que se submeter às vontades e ordens de seus pais (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011, p. 10).

A modernização da agricultura, a dinâmica de diluição de fronteiras entre o urbano e o rural, juntamente com a falta de perspectivas que vivenciam na agricultura, faz com que a juventude cada vez mais se sinta desigual no meio rural fazendo com que não acompanhem o padrão moderno do urbano (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011, p. 17).

Essas são algumas das situações que levam os jovens do rural a não seguirem trabalhando na propriedade da família e buscarem oportunidades no urbano, porém existem outros fatores que devem ser analisados por meio de pesquisa na localidade onde viveram e com os próprios jovens.

A relevância de se fazer um estudo sobre a não sucessão dos jovens nas atividades agrícolas de suas famílias, é de buscar analisar os motivos e os anseios desses jovens perante a localidade onde eles nasceram.

O intuito desse estudo tem como justificativa principal buscar entender o que levou os jovens dessa localidade, do interior do município de Três de Maio, a não seguirem trabalhando nas propriedades de suas famílias, buscando construir a vida no urbano e não dando continuidade nas atividades de seus antepassados. Ou seja, buscar entender a principal motivação que esses jovens tiveram para a não sucessão das atividades agrícolas.

Por meio do estudo, temos a possibilidade de nos aproximarmos de um entendimento próximo da realidade investigada, a pesquisa pode se dizer que é um “*processo permanentemente inacabado*” (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009). Com isso busca-se entender os condicionantes que causam o desconforto ou problemática dessa localidade. A principal questão dessa pesquisa busca investigar por que os jovens dessa localidade do

município de Três de Maio - RS abandonaram o meio rural? Quais as consequências para a localidade?

O objetivo geral do estudo visa analisar os fatores que influenciam a não permanência de jovens, ou o processo de não sucessão, em unidades produtivas agrícolas familiares do município de Três de Maio, no Rio Grande do Sul.

Os objetivos específicos são:

Apontar os principais motivos que levam os jovens ao abandono do trabalho rural nas propriedades de suas famílias;¹

Investigar a percepção dos pais dos jovens a respeito da decisão dos filhos de deixarem o meio agrícola;

Discutir as principais consequências para a agricultura familiar com a não sucessão da atividade agrícola pelos jovens do município.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Nesta parte serão abordados alguns aspectos bibliográficos, onde se buscará um embasamento teórico referente ao entendimento de alguns autores sobre a não sucessão das atividades rurais. Com isso será possível buscar uma melhor compressão do estudo aqui proposto das famílias que tiveram essa não sucessão em uma localidade do interior do município de Três de Maio RS, de como se configuram, os motivos que levam alguns jovens a não seguirem a profissão de seus pais no meio rural, as políticas públicas que tangem esse desinteresse, bem como ocorrem as transformações das localidades que convivem com essa não sucessão familiar.

No Brasil, após a implantação do Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), pela primeira vez no país se delimita, e destina recursos econômicos financiados pelo Estado, para agricultores que venham a se enquadrarem nesse segmento, de maneira que venha a fortalecer a produção agrícola e a economia. O principal objetivo é de construir um padrão sustentável de desenvolvimento para a agricultura familiar, tendo em vista, diversificar a produção, aumentar níveis de emprego e renda, e como fator principal dar qualidade de vida e bem estar social para essas famílias (BRASIL, 2005).

A abordagem sobre a agricultura familiar traz um debate já muito pesquisado por meio de trabalhos acadêmicos, onde se busca entender as diferentes faces dentro das propriedades

1

rurais, bem como a maneira em que se desenvolvem perante a sustentabilidade e o segmento familiar de suas atividades. Desta forma Lamarche (1993, p.15) escreve que *“a exploração familiar corresponde a uma unidade de produção agrícola onde a propriedade e trabalho está intimamente ligado à família”*.

2.1- Reprodução Socioeconômica na Localidade Estudada

Na região noroeste do Rio Grande do Sul, mais precisamente na microrregião da grande Santa Rosa, localiza-se uma grande parte da bacia leiteira do estado, onde conforme dados da Emater/Ascar-RS, são produzidos por mês, aproximadamente, 39,1 milhões de litros de leite, por cerca de 14380 produtores da fronteira noroeste (EMATER/ASCAR-RS). A localidade estudada encaixa-se dentro dessa realidade onde todas as famílias entrevistadas têm sua principal renda oriunda do leite.

No que se refere à sustentabilidade financeira dessas famílias a produção leiteira traz uma renda relativamente atrativa, mas também exige uma vasta mão de obra na operação, o que, no entanto com a não sucessão dos jovens faz com que se busque mão de obra externa. Kischener (2015, p.57) escreve que um dos fatores que poderia fazer os jovens permanecerem nas propriedades é o incremento de novas tecnologias poupadoras de mão de obra que facilitariam a vida cotidiana nas atividades leiteiras.

Porém a juventude dessa localidade do interior de Três de Maio buscou seu desenvolvimento longe das atividades que seus pais mantinham e mantêm até o momento, entendendo que seu crescimento econômico se dará longe da propriedade da família.

2.2 A Não Sucessão Familiar

A não sucessão familiar das atividades do rural é um problema social que vem crescendo ao longo dos anos de forma desordenada no país, levando muitos jovens a migrarem para o urbano, intensificando o êxodo rural no país (FETRAF; 2011). Esse fato teve seu auge na revolução verde. Nos anos de 1950 grandes contingentes de jovens migraram do meio rural em direção aos grandes centros urbanos (MAURINA, 2011).

É possível perceber que a não sucessão das atividades rurais, se configura como o abandono do campo por seus habitantes na busca de melhores condições de vida (PANISSON; ATUATTI, 2008). A juventude, em especial, vê no urbano um atrativo para o seu crescimento no futuro, porém há um menor investimento em pesquisas sobre essa

população, principalmente quando relacionadas com bases de dados de populações urbanas (DURSTON, 1994; apud CANHOLI, 2014).

Stuani, Neckel e Ficagna (2016, p.2) dizem que:

A agricultura familiar apresenta diversas mudanças em sua estrutura, a mesma vem se mantendo em um ambiente altamente competitivo e desigual e o fator determinante para a continuidade desta atividade é a sucessão destas pequenas propriedades. O processo de sucessão familiar sempre ocorreu de forma natural, mas hoje necessita de outros motivos para se concretizar e se manter, pois nem sempre os jovens que residem no campo querem dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelos pais (STUANI; NECKEL; FICAGNA, 2016, p.2).

Os jovens do meio rural começam as atividades na propriedade de seus pais desde cedo, tendo que ajudar nos afazeres assumindo responsabilidades e participação no dia a dia da produção. Segundo Carvalho et al (2009):

Os jovens rurais, geralmente, começam a participar das atividades realizadas na propriedade rural muito cedo, nesse período acontece também um estreitamento das relações dos jovens com sua família onde eles começam a se interar da parte econômica e produtiva da propriedade, assim como, passam a participar das dificuldades que existem nas atividades, muitas vezes, por eles realizadas. Com isso, eles precisam aprender a lidar com as responsabilidades e também criar conceitos ou idéias que venham a melhorar a produção, ou ainda, tentar achar respostas ou ações que venham a minimizar ou resolver eventuais problemas existentes na propriedade (CARVALHO et al, 2009, p. 3).

Na maioria das vezes, por terem que assumir essas responsabilidades e acompanharem as dificuldades que envolvem essa profissão, muito dos jovens enxergam a cidade como uma maneira mais fácil e menos dificultosa de ganhar a vida, migrando para os grandes centros. BRUMER, 2006 apud DALCIN; TROIAN, 2009, p. 3 dizem:

(...) a tendência imigratória dos jovens, em grande parte justificada por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola e dos benefícios que ela propicia e outra se refere às características ou problemas existentes na transferência dos estabelecimentos agrícolas familiares à nova geração (BRUMER, 2006 apud DALCIN; TOIAN, 2009, p. 3).

A população jovem quando tem um aumento nas responsabilidades dentro da propriedade rural, tendo os deveres na produção, na economia e na sociedade, como agricultor, sente e visualiza as dificuldades que a agricultura familiar vem encontrando com o passar dos anos, tais como falta de crédito, assistência técnica, entre outros. No momento em que esse jovem se envolve com esses problemas o seu desenvolvimento pessoal fica mais difícil, pois é nessa etapa da vida que esses jovens começam a planejar os projetos e

realizações pessoais, onde por muitas vezes se interrompem pelas condições familiares (CARVALHO et.al, 2009).

A fascinação e o deslumbre por oportunidades de uma vida melhor nas cidades são um dos grandes motivos que fazem os jovens migrarem para o urbano, Rodrigues e Peripolli (2014) dizem que *“entre os jovens essa desintegração camponesa se torna maior, pois, com o advento de melhores condições nas cidades urbanizadas, acabam deixando o campo em busca de estudo, de trabalho e condições de vida”*, ou seja, a falta de uma visão de crescimento dentro da propriedade ou a expectativa de uma vida mais fácil no urbano vêm sendo os principais fatores dessa migração.

Conforme CAMARANO; ABRAMOVAY (1997, p. 1), alguns autores desde o ano de 1950, a cada dez anos, um em cada três brasileiros que vivem no meio rural migram para as cidades, nos anos 1990 não mudou muito esta tendência.

É bastante difundida – e não só entre os especialistas da área – a informação de que 1960 e 1980, o êxodo rural brasileiro alcançou um total de 27 milhões de pessoas. Poucos países conheceram movimentos migratórios tão intensos num curto intervalo de tempo, que se considere a proporção ou a quantidade absoluta da população rural atingida. Curiosamente, entretanto, desde então, o êxodo rural deixou de traduzir-se em cifras. A publicação do Censo de 1991 não foi suficiente para que se tivesse uma ideia precisa do que ocorreu a respeito durante a década de 1980. Se os 27 milhões de migrantes do período 1960/80 estão na ponta da língua de qualquer estudioso sobre o meio rural, pouco se sabe sobre o êxodo desde então (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1997, p.1).

Com o desenvolvimento tecnológico dos últimos anos, o meio rural sofreu muitas transformações na maneira de se produzir, contudo inúmeras regiões ficaram aquém do desenvolvimento almejado (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011). Estas regiões se tornaram um emergente foco de migração dos jovens para as cidades. Conforme Puntel; Paiva; Ramos (2011, p. 3):

Diversas comunidades rurais permaneceram à margem da grande modernização, não apenas nos aspectos relativos à tecnologia de produção agrícola, mas também de outras inúmeras tecnologias e serviços que conferem qualidade de vida e integração entre as pessoas. Acreditamos que este fator tenha influenciado significativamente para a reorganização das relações sociais e à expulsão de trabalhadores rurais de seu meio, acentuando a precariedade das condições de vida no campo. Neste cenário a população rural que ingressa na idade ativa, neste caso os jovens rurais, enfrenta dificuldades para construir seu projeto de vida no campo e cada vez mais busca melhores condições de vida nos centros urbanos (PUNTEL; PAIVA; RAMOS; 2011 p. 3).

Contudo o que se pode perceber nessas comunidades onde a não sucessão dos jovens foi de maneira expressiva, é que a população local se tornou envelhecida, com o aumento da expectativa de vida nas últimas décadas, como um dos principais agravantes do êxodo (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011).

As mulheres têm um maior interesse em deixar o campo rumo às cidades, “(...) são as mulheres que partem mais rapidamente em maior número, pois os homens ficam retidos pro seu ofício e sua unidade produtiva, enquanto as mulheres são mais atraídas pelas atividades terciárias urbana” (Mendras 1976, 1995, apud CAMARANO; ABRAMOVAY; 1997, p 316).

A não sucessão das atividades no meio rural pela juventude é um tema que vários autores buscaram estudar e entender os motivos que levam esses jovens a seguirem outros caminhos que não seja o trabalho no meio em que seus pais vivem, conforme Canholi (2014, p. 153):

(...) a sucessão familiar das pequenas unidades de produção no Estado de São Paulo, assim como verificado na área de estudo, mesmo inseridas na região considerada mais abastada no sentido da captação de recursos financeiros, é bastante preocupante. Desta forma nota-se a aspiração da juventude rural por novas alternativas de trabalho nas áreas agrícolas, incluindo a consolidação de atividade não agrícola, equipamentos sociais e de serviços públicos para o atendimento das demandas das novas gerações destes territórios (CANHOLI, 2014, p. 153).

Esse mesmo autor ainda cita que através de uma análise de perspectiva de futuro foi observado que as motivações que levam esses jovens a migrarem de suas regiões são principalmente a falta de oportunidades educacionais no meio rural, a complexidade da sucessão familiar nas unidades de produção, pela decisão tardia das responsabilidades e do poder de decisões entre as gerações, a busca constante de autonomia financeira, entre outras por ele citadas (CANHOLI, 2014). Zago (2016, p. 63) escreve que:

O meio rural brasileiro sofreu profundas mudanças, em grande parte decorrente das políticas de modernização capitalista da agricultura que privilegiaram os grandes e médios produtores rurais em detrimento da pequena propriedade. Em termos demográficos, entre outras transformações, presenciamos no país a intensificação do movimento migratório do campo para a cidade, a redução da natalidade, o envelhecimento e a masculinização da população rural (Camarano; Abramovay, 1998). A família vem igualmente passando por transformações, tanto no que diz respeito aos valores entre gerações quanto à perda de autonomia do agricultor diante da dependência ao capital financeiro e à agroindústria, enfrentando ainda incertezas quanto à sucessão da propriedade e ao futuro dos filhos (ZAGO, 2016 p. 63).

A busca por oportunidades de uma melhor vida na cidade, ou de trabalhos nas indústrias almejando grandes salários, carreiras de longevidade, estabilidade financeira e social, fazem com que os jovens migrem da agricultura para as atividades urbanas (PUNTEL; PAIVA; RAMOS 2011). Conforme Morcelli (2015, p. 1):

A agricultura familiar é predominante em nosso país, e busca um equilíbrio com as indústrias que a cada ano possui um elevado crescimento, com isso, é necessária a busca da mão de obra, que atrai os jovens do interior, que muitas vezes acabam se decepcionando com a roça, tentando uma nova vida nos grandes centros. Os filhos dos agricultores, não estão vendo formas de permanecer na lavoura, pois dependem muito das condições climáticas para ocorrer do desenvolvimento das plantações, ou não possuem os conhecimentos básicos para desenvolver as atividades (MORCELLI, 2015 p. 1).

O que pode se analisar da não sucessão desses jovens, é que diversas comunidades rurais ainda permanecem à margem das grandes modernizações não só em aspectos tecnológicos, mas também sociais e culturais para essas pessoas. Acredita-se que esse é um fator influenciador que leva os jovens a saírem do rural por causa dessa precariedade das condições de vida nessas localidades, ingressando para o urbano principalmente na procura de qualidade de vida e melhores condições (MAURINA; 2011). Assim como também Puntel, Paiva e Ramos (2011) escrevem:

Percebemos que o meio rural transforma-se em um espaço cada vez mais heterogêneo e desigual, onde a juventude é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição de fronteiras entre o espaço urbano e rural, associada à falta de perspectivas para quem vive da agricultura poder acompanhar este padrão de modernização (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011 p. 17).

2.3 A Sucessão Familiar

O processo de sucessão no meio rural é um ritual onde se transfere o poder e o capital de uma geração que vem atuando na propriedade para uma geração que virá a atuar nessa propriedade (Haas, 2013, p.19). Costa (2010) fala que a sucessão mexe diretamente com a geração dos novos produtores agrícolas e envolve outros componentes, como a transferência de patrimônio, a continuidade da atividade profissional do pai, e a troca das gerações mais velhas da administração da propriedade.

Com isso os jovens sucessores tornam-se os gestores das propriedades deixando seus pais como espectadores de suas atividades. Esse processo de gestão das propriedades rurais pode ser comparado ao de empresas regulares, onde essas propriedades têm a influência de

ambientes externos, como preço de produtos, clima, políticas agrícolas, recursos governamentais, etc. E também influência interna, onde tem o planejamento de produção e os recursos humanos, a partir daí é que são tomadas as decisões (STUANI; NECKEL e FICAGNA, 2016, p.4).

2.4 O conceito de “jovem” adotado na pesquisa.

O presente trabalho utiliza o conceito de Maria José Carneiro sobre o que seria a categoria social denominada como “juventude rural”. A autora delimita o conceito, em seu trabalho, intitulado “O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais”.

Ser jovem (1998):

...corresponde também a uma auto-representação que tende a uma grande elasticidade em termos etários, proporcional às dificuldades crescentes de ingresso no mercado de trabalho e a sua informalização excessiva no Brasil. Assim, poderíamos dizer, a grosso modo, que o jovem é aquele indivíduo que se encontraria em uma fase caracterizada pela discrepância entre o projeto de vida vislumbrado e as atividades em realização. Ou seja, a existência de um projeto para o futuro acompanhado de estratégias com graus variados de idealização seria, em termos genéricos, o que caracterizaria um indivíduo como jovem nas comunidades pesquisadas (CARNEIRO, 1998).

Desta forma a autora delimita o conceito de “jovem”, não apenas sob o enfoque rural, mas também urbano, tendo em vista que a população do seu estudo inclui jovens do meio urbano e rural, nas cidades de São Pedro da Serra, no Rio de Janeiro, e Nova Pádua, no Rio Grande do Sul.

3. METODOLOGIA

Para a realização desse estudo, foi efetuada a coleta de dados junto a entidades do município tais como EMATER/RS, Secretaria Municipal da Agricultura, lideranças da comunidade local do município de Três de Maio, Sindicato rural, onde foram feitas as identificações e obtidos os nomes e dados dos moradores dessa comunidade. Segundo Waitley (2010), *“a coleta de dados é o ato de pesquisar, juntar documentos e provas, procurar informações sobre um determinado tema ou conjunto de temas correlacionados e agrupá-los de forma a facilitar uma posterior análise”*.

Os jovens escolhidos para fazerem partes dessa pesquisa foram indicados pela EMATER do município, assim como seus familiares, foram entrevistadas no total de vinte e duas pessoas, entre jovens e seus pais.

Após dispor desses dados, seguimos para o trabalho a campo, onde foram feitas as entrevistas com cinco famílias da localidade, onde os jovens migraram para o meio urbano, buscando identificar os motivos que levaram eles a abandonarem a atividade agrícola, o impacto para a agricultura familiar dessa migração, a percepção dos pais e dos jovens sobre essa saída, com isso se caracterizando uma pesquisa exploratória. Santos (2017) escreve que a pesquisa *“exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, você conhecerá mais sobre aquele assunto”*.

Essas famílias tiveram suas identidades mantidas em sigilo sendo elas identificadas como famílias 01, 02, 03, 04, 05, a fim de evitar constrangimentos em suas respostas e ter veracidade nas mesmas.

Segundo Drebes (2014), este tipo de estudo dá uma visão aproximada e geral sobre o que leva ou levou os jovens dessa localidade do meio rural a migrarem para o urbano ou permanecerem no campo propiciando uma análise do desenvolvimento rural dessa localidade.

Valeu-se também de informações através de pesquisa bibliográfica, tendo em vista fundamentarem os dados coletados, auxiliar no entendimento e no relato do trabalho. A pesquisa se baseou em publicações, livros, trabalhos acadêmicos onde esses puderam simplificar o entendimento das indagações.

Por ser uma pesquisa por entrevista, o público alvo foi convidado a participar por espontânea vontade sendo essa uma pesquisa por amostragem, podendo participar todos que convivem na família. Segundo Couto (2017) *“A entrevista é um dos instrumentos de coleta de dados, em uma pesquisa e desenvolve um importante papel tanto nas atividades científicas (pesquisa) quanto em diversas atividades humanas”*.

O presente trabalho teve um desenvolvimento satisfatório após ouvir cinco famílias propostas no projeto, sendo obtido o máximo de informações relativas a não sucessão das atividades agrícolas dessas famílias. Foram buscadas junto à EMATER e Secretaria Municipal da Agricultura, além de representantes sindicais do meio rural, informações sobre as famílias dessa localidade que não tem ou não terão sucessão nas atividades agrícolas. O contato direto com essas famílias e com essas entidades, com certeza facilitou uma análise mais concreta e satisfatória da pesquisa, possibilitando identificar os principais motivos da saída desses jovens do meio rural.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, com perguntas pré-definidas, onde foram aplicadas igualmente para os pais e filhos, com a intenção de tirar o máximo de informações das duas partes. Segundo Couto (2017):

Na entrevista semiestruturada não há imposição de uma ordem rígida de questões. O entrevistador propõe a temática ou a situações do seu objeto de estudo e o entrevistado fala sobre aquele tema proposto com base no seu repertório de conhecimentos e informações. Esta é a verdadeira razão da entrevista (COUTO, 2017, p. 1).

Os dados desse estudo são de caráter qualitativo, o que significa que foram conduzidos de maneira diferenciada, procurando abordar o problema em questão da maneira mais próxima possível da realidade (DREBES, 2014, p. 4089).

Foram realizadas análises dos dados obtidos por meio da entrevista e de um questionário com perguntas aleatórias, onde esse foi construído de maneira que possibilitou obter o máximo de informações sobre a não sucessão das atividades rurais dessa localidade, do interior do município de Três de Maio, através dessas famílias e das entidades envolvidas. Considerando o meio onde viveram e onde vivem, as dificuldades enfrentadas sejam elas: sociais, estruturais e culturais, e o motivo principal que levou esses jovens a saírem do rural. Segundo Ludke e André (1986):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, os dados coletados são predominantemente descritivos, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LUDKE; ANDRÉ; 1986, p. 44).

Esse método acessa a possibilidade de realizar uma análise dos dados, descrevendo e a partir disso analisando, avaliando e compreendendo os principais fatos e situações expostas pelos entrevistados.

Com isso foi buscado embasamento bibliográfico e teórico através de pesquisa com autores, publicações, livros, trabalhos acadêmicos que puderam possibilitar um maior entendimento dessas questões. Assim, através da coleta desses dados e dos materiais que foram utilizados nessa pesquisa, foi feita uma análise rica e ampla, tornando possível uma avaliação e um diagnóstico considerável, que vem a servir como base para o maior entendimento da saída desses jovens do meio rural.

Os aspectos éticos dessa pesquisa foram respeitados, bem como todo ou qualquer aspecto social, econômico, moral e cultural, não revelando os nomes dos envolvidos, e

respeitando a opinião de todos, bem como mantendo em sigilo toda e qualquer resposta, ou comentário. Salvo se autorizado ou permitido pelos mesmos.

4. RESULTADOS DA PESQUISA

Na localidade estudada, no interior do município de Três de Maio, é possível encontrar algumas famílias onde existe a sucessão nas atividades rurais, porém algumas que tiveram contato são propriedades de médios e grandes produtores de grãos, que investiram nos estudos dos filhos, onde os mesmos retornaram para aplicar na propriedade seus conhecimentos. Com isso, esses jovens se tornaram os administradores do negócio da família, passando a atuar nas propriedades como os protagonistas, Schultz (2016, p.29) afirma que a administração traz consigo uma ideia de coordenação de recursos e de pessoas para fins das realizações de tarefas.

Em relação a não sucessão nas atividades agrícolas da localidade estudada no interior do município de Três de maio, depois de realizada as entrevistas com as cinco famílias, conversando e questionando os jovens que não quiseram seguir as atividades de seus pais no rural e também falando com os familiares desses jovens, foi possível obter algumas respostas onde se torna possível analisar a opção que esses jovens tiveram de não seguirem nas atividades rurais.

As famílias optaram por não se identificarem, com isso elas serão identificadas aqui nesse estudo por família 1, 2, 3, 4 e 5, todas concordaram em conversar informalmente e responder as perguntas feitas aleatoriamente conforme o andar da conversa.

4.1 Família Número Um

A família número um, é composta por quatro pessoas, o pai e a mãe que continuam nas atividades agrícolas e dois filhos, o mais velho com trinta e nove anos e, o mais novo, com vinte e cinco anos de idade, ambos seguiram profissões fora do meio rural, ou seja, optaram pela não sucessão das atividades agrícolas que seus pais vêm desenvolvendo a vida toda.

Nessa família, atualmente somente o pai e a mãe vivem da atividade agrícola, seus filhos já se sustentam com suas atividades no urbano. A propriedade dessa família é composta por sessenta hectares de terra, sendo a principal atividade a produção leiteira.

Conforme relato dos dois filhos, a opção de não seguirem na atividade de seus pais foi a instabilidade no preço do leite e a busca por uma renda fixa no urbano. O filho mais velho relata que após o término do primário na escola da localidade, teve que ir estudar no urbano onde teve outra visão do mundo, e também, conforme ele, o foco da educação no urbano o afastou das atividades agrícolas. Já, o filho mais novo relata que seus pais o incentivaram a estudar e fazer faculdade, pois como o mais velho tinha sucesso no urbano acharam mais conveniente que ele também trilhasse outro caminho, longe do rural. Atualmente os dois residem e trabalham no urbano. Os dois filhos relatam que o principal motivo de afastarem-se das atividades dos seus pais foi a instabilidade nos preços dos produtos agrícolas e a rotina sofrida de seus pais.

Os pais da família um, ao responderem a entrevista, disseram que após seus filhos tomarem o rumo do urbano e se firmarem em suas profissões, continuaram na atividade que vinham fazendo, porém, em um primeiro momento, tiveram que contratar mão de obra externa para ajudar a manter a mesma produtividade a que vinham tendo. Até porque conforme eles relatam, tinham que bancar os estudos de seus filhos. Após eles estarem formados começaram a diminuir a produção até que, atualmente, somente os dois trabalham na atividade.

Com a saída de seus filhos, a mãe relata que no início foi difícil acostumar com a rotina, pois, conforme ela, seus filhos trabalhavam desde crianças junto com eles, e de repente eles se depararam sozinhos com uma quantidade grande de animais e muitas tarefas. A mão de obra escassa na localidade e as dificuldades com as novas tecnologias assustaram mais ainda os pais, pois quem comandava isso eram os jovens, então tiveram que se adaptar e buscar mão de obra fora da localidade.

Conforme os pais e os filhos, quando entrevistados separadamente, ambos disseram que tomaram as escolhas corretas, pois hoje estão felizes com suas atividades e os pais já aposentados trabalham menos. A expectativa de futuro dos filhos é continuar buscando conhecimento em suas atividades, e dos pais é manter o patrimônio trabalhando o suficiente para isso, sem precisar investir muito.

4.2 Família Número Dois

A família número dois é composta por quatro pessoas, os pais e os dois filhos, o filho mais velho, com vinte e seis anos, e o mais novo, com dezenove anos. Nessa família um dos filhos, no caso, o mais novo, não quis seguir na atividade rural, migrando para a cidade e

trabalhando no comércio. Atualmente somente o casal patriarca depende da renda da propriedade.

Já, o filho mais velho continua na atividade rural, porém trilhou seu próprio caminho, adquirindo sua propriedade e trabalhando nela.

A propriedade dessa família tem 39 hectares de área total, sendo que apenas 35 são cultiváveis, a principal atividade dos pais é o leite. Conforme relato do filho mais novo, ele optou por sair da atividade da família, quando veio estudar no urbano, onde ele acredita ter sido um incentivo para seguir carreira na indústria, ou no comércio. Ainda ele relata que se tivesse ficado na atividade leiteira teria que fazer investimentos em tratos mais modernos, onde ele diz que não conseguiria tirar do trabalho no leite, para pagar os investimentos.

Já, o filho mais velho, decidiu comprar sua propriedade e seguir um ramo diferente, investiu em equipamentos agrícolas e em arrendamentos de propriedades vizinhas, para a atividade do plantio de grãos, pois conforme ele, na atividade de seus pais, não teria a renda que tem atualmente.

Os pais dessa família relataram, que com a saída dos filhos da propriedade, reduziram bastante o número de animais que tinham para poderem dar conta somente os dois, pois a falta de mão de obra e o grande trabalho iria dificultar a qualidade de vida do casal.

O pai relata que sempre imaginou um dos filhos tomando conta e assumindo a propriedade da família, porém não foi contra a decisão de nenhum deles, muito pelo contrário, incentivou os dois no caminho que optaram. Já a mãe se diz sentida de não saber o que será da propriedade quando eles não puderem mais trabalhar, pois ela acredita que todo esforço de uma vida será transformado em lavoura.

As duas partes foram entrevistadas separadamente, somente acreditam terem tomado as decisões corretas para suas vidas, porém a mãe diz que a não sucessão familiar na área rural é preocupante, pois nessas propriedades existe uma história de esforço e muito trabalho, e que com a saída dos filhos isso irá se perder e ficar apenas nas lembranças daqueles que ali viveram.

4.3 Família Número Três

A família número três, assim como as duas anteriores, também é composta por quatro pessoas, o pai, a mãe e dois filhos, um com trinta e nove anos e o outro com 26 anos. Atualmente somente o pai e a mãe dependem da renda da propriedade para sobreviver, sendo que o homem já é aposentado.

Nessa família, o filho mais novo saiu de casa com quinze anos para trabalhar para os vizinhos, em um grande produtor de grãos da localidade, depois de alguns anos decidiu procurar emprego no urbano, onde está atualmente.

Ele relata que pela pouca quantidade de terras da propriedade (25 hectares) não enxergou futuro para ele ali, pois seus pais produziam leite e plantavam pouca área de grãos resultando uma renda baixa, anualmente. Com isso conforme ele foi se desgostando da rotina e vendo no urbano uma probabilidade melhor de ganhar a vida.

O filho mais velho optou pelo estudo, fazendo um curso técnico em agropecuária e após mudou-se para o estado do Mato Grosso, para trabalhar em grandes fazendas produtoras de grãos, nesse caso não conseguimos conversar com ele pessoalmente, tivemos um contato telefônico, onde ele informou que, na época, muitos colegas migraram para esse estado para fazer o estágio do curso, e acabaram fixando morada e ganhando emprego nas fazendas. Ainda conforme ele, a remuneração e a chance de crescimento profissional chamaram a atenção deles.

Os pais relatam que nunca pediram para seus filhos permanecerem na propriedade da família, porém se dizem muito sentidos por não verem um dos filhos tomarem a frente para seguir na unidade produtiva, mas como a mãe disse “se é para o bem deles que sigam em suas profissões”. O pai fala que vendo seus filhos com bons empregos, acredita que eles tomaram a decisão certa e que se tivessem, os dois, ficado na propriedade, não teriam a vida financeira que têm atualmente.

Referente ao futuro da propriedade, o filho mais novo disse que quando seu pai não puder mais trabalhar ele irá arrendar as terras, mantendo só a casa para seus pais morarem lá, já que os dois são aposentados e dizem que jamais saíram do rural para morar no urbano. Já o pai e a mãe dizem que ainda tem esperança que um dos filhos, pelo menos plante, ou trabalhe com gado de corte na propriedade, sem deixar o emprego no urbano.

4.4 Família Número Quatro

A família número quatro é composta por três filhos, dois filhos homens e uma filha mulher com idades de trinta anos o filho mais velho, vinte e sete anos o filho do meio e vinte e dois anos a filha caçula. A propriedade é composta por uma área de cento e oitenta hectares, onde a principal atividade de renda da família é a produção de grãos, seguido da produção de gado de corte.

Atualmente, sobrevivem da propriedade o pai, a mãe e a filha caçula, essa que está estudando em outro município e não trabalha na propriedade. Em contato telefônico ela disse que não pretende seguir no rural, já que está estudando para outra profissão, quando perguntada qual o motivo que levou a essa escolha, ela respondeu que depois que deixou de estudar na escola da localidade e veio para a escola no urbano, perdeu um pouco o encanto pela atividade rural, e que o deslumbre e o fácil acesso às modernidades a levaram a optar pela vida no urbano.

O filho do meio é recém-formado em agronomia, atualmente trabalha como vendedor de uma empresa de insumos agrícolas, mas sempre quando pode ajuda o pai nos afazeres da propriedade, principalmente em épocas de plantio e colheita. Conforme ele afirma, no momento não tem ideia de assumir a propriedade da família, pois ele e o pai têm divergências do modo de trabalho nas atividades agrícolas, mas que quando o pai resolver passar a administração da propriedade para ele, então retornará e assumirá a propriedade.

O filho mais velho, também formado em agronomia, trabalha em outro município também com venda de insumos agrícolas, mas não pretende retornar para a propriedade da família, pois conforme ele falou o ramo das vendas na atividade rural é bem lucrativa e promissora, então pretende seguir nessa atividade e abrir sua própria empresa. O motivo que levou a escolher não seguir na atividade da família foi não se acertar trabalhando junto com seu pai e seu irmão e, para não estragar a harmonia da família, decidiu buscar outro rumo para sua vida, mas que não se arrepende e, atualmente, todos estão felizes uns com os outros.

Na opinião dos pais, conforme eles relatam, todos os filhos tiveram a oportunidade de seguir na atividade da família, porém o pai não abre mão do gerenciamento da mesma, pelo menos até conseguir fazê-la. A mãe diz que insiste para que, pelo menos um dos filhos venha trabalhar na atividade da família, pois com o patrimônio construído e a grande área de terras que a família possui, ela acredita que seria um desperdício arrendar para estranhos ou até mesmo vender, sendo que os filhos têm formação acadêmica e conhecimento para gerenciar a unidade produtiva.

O futuro da propriedade, conforme os filhos, está ainda um pouco incerto, pois a tentação do urbano os impede de quererem voltar para o rural, porém o filho do meio disse que também acha injusto vender ou arrendar, pois dali saiu o custeio de seu estudo e que no fim ele assumirá a propriedade.

O pai acredita que um dos filhos irá dar segmento na atividade da propriedade, mas ele também entende que terá que abrir mão da administração da mesma para que isso aconteça.

Nesse caso, é possível que venha a ter sucessão a propriedade, pois o filho do meio afirma que, um dia quando seu pai não puder mais trabalhar ou resolver dar autonomia a ele, com certeza ele retornará e continuara os trabalhos na propriedade, mas somente quando seu pai resolver passar a gestão a ele.

4.5 Família Número Cinco

A família número cinco é composta por cinco pessoas, o pai, a mãe, o filho mais velho, com vinte e seis anos, a filha do meio, com vinte e três anos e a filha caçula com treze anos. A propriedade rural da família tem atualmente quinze hectares de terra própria, sendo que a principal atividade é a produção de leite e a criação de peixes em tanques.

A filha mais nova ainda é estudante e ajuda nos afazeres da propriedade, ela diz que pretende estudar para um dia ser professora, e que acha muito sofrida a vida no rural e não pretende seguir na propriedade da família.

A filha do meio já mora em outro município da região e é estudante de veterinária, conforme ela relata, a vida no rural para ela sempre foi de dificuldades e que também não pretende assumir as atividades da propriedade. Ela diz ainda que como a propriedade possui pouca área de terras e por os pais passarem por uma grande dificuldade política e financeira, não vê futuro para ela, ali.

O filho mais velho atualmente trabalha no comércio da cidade, mas mora na propriedade e ajuda como pode nos afazeres, ele relata que gostaria de seguir na propriedade, mas que a família não tem condições de comprar mais áreas de terra por estarem rodeadas de grandes produtores de grãos e pela dificuldade em conseguir acesso a planos políticos agrícolas. Ele também diz que não quer que seus pais venham a vender a propriedade, pois da maneira que ele puder ele irá ajudá-los a ir mantendo, e que no futuro poderá assumir a propriedade nem que seja para atividades de lazer.

O pai, além de trabalhar em tempo integral na UPA, assim que pode presta serviço para propriedades vizinhas, em épocas de plantio e de colheita, conforme ele fala, falta pouco para se aposentar, sobre a decisão dos filhos, ele apoia cada um deles, e diz que por ele quando se aposentar vende tudo e vai para o urbano, pois não tem mais vontade de seguir sua rotina. Já a mãe, trabalha de diarista no urbano e ajuda nas atividades da propriedade quando retorna, ela também apoia a decisão dos filhos, somente diz que não gostaria de morar no urbano, e que também não quer que seus filhos retornem para a atividade da família.

Sobre o futuro da propriedade, todos tiveram respostas parecidas, dizendo que hoje não saberiam dizer o que será da propriedade, pois depende de muitos fatores, um deles é se seus pais aguentarão trabalhar por mais tempo para manter a propriedade, e se o filho mais velho terá reais condições de manter a vida no urbano e a atividade no rural.

4.6 Outros resultados encontrados

Após relatos das famílias entrevistadas, também pode se perceber que, a alguns fatores que foram relevantes para a não sucessão familiar desses jovens, nas atividades dentro das propriedades de suas famílias. Um fator muito citado nas entrevistas foi à instabilidade no preço dos produtos, principalmente do leite, um dos principais produtos comercializados por essas famílias.

Segundo Rodrigues (2008 p.288):

(...) o Brasil é considerado o sexto maior produtor de leite do mundo (27,5 bilhões de litros), ficando atrás dos Estados Unidos (86,1 bilhões de litros), Índia (44,1 bilhões de litros), China (35,8 bilhões de litros), Rússia (32 bilhões de litros) e Alemanha (28,6 bilhões de litros) (Fao, 2008). Em dez anos, a produção brasileira de leite aumentou aproximadamente 8,4 bilhões de litros (Rodrigues, 2008). Devido a esta elevação de produção, a balança comercial no mercado leiteiro foi invertida pela primeira vez em 2006, exportando mais do que importando (Rodrigues, 2008).

A instabilidade no preço do leite, conforme dizem alguns dos jovens entrevistados, reflete diretamente na decisão da não permanência nas atividades da família, pois conforme eles, sem uma garantia real de preço, não tem como investir na melhoria e no crescimento da atividade, pois para sua permanência e futuro familiar, seria necessário um crescimento na produção e investimentos, sem isso não é possível seguir na atividade. Meneghini (2011 p. 1) diz que “*o preço do leite sofre variações devido a diversos fatores tais como políticas econômicas, sazonalidade da produção leiteira, qualidade do leite, demanda do consumidor, fenômenos sanitários, etc*”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada com as famílias dessa localidade do interior do município de Três de Maio RS, e de citações que alguns autores comentam em suas obras, podem ser relatados alguns resultados que respondem aos objetivos desse estudo, onde se

buscou analisar os fatores que influenciaram a não permanência de jovens, ou o processo de não sucessão, em unidades produtivas agrícolas familiares desse município.

Os objetivos específicos dessa pesquisa foram apontar os principais motivos que levam os jovens ao abandono do trabalho rural nas propriedades de suas famílias; investigar a percepção dos pais dos jovens a respeito da decisão dos filhos de deixarem o meio agrícola; discutir as principais consequências para a agricultura familiar com a não sucessão da atividade agrícola pelos jovens do município, a partir disso, buscou-se identificar o que pais e filhos dessa localidade do município de Três de Maio pensavam sobre a não sucessão em suas propriedades.

De uma maneira que veio a facilitar o esclarecimento desses objetivos o trabalho teve os seguintes pressupostos: (1) a não continuidade das atividades rurais nas unidades de produção agrícolas dessas famílias, de maneira que os pais diminuíssem as atividades até sua aposentadoria e depois parassem definitivamente com ela; (2) os aspectos sociais e culturais que afetaram essa localidade devido a não ter continuidade nas propriedades, tendo como consequência da atividade agrícola local o envelhecimento da população e na maioria das vezes, o domínio dos grandes produtores de grãos em suas propriedades.

Além de conhecer de perto como as famílias do rural enxergam o atual momento da agricultura no país o desenvolvimento e a sustentabilidade dessa localidade, em específico, também foi possível observar que a agricultura envolve muito mais do que cadeias produtivas, pois engloba a alimentação, a organização e a cultura de pessoas, o que vai muito além de gerar riquezas financeiras, ou bens materiais. Conforme dizem Soglio; Kubo (2016, p.15 e 16):

A agricultura é muito mais do que sua parte inserida nas cadeias produtivas, pois abrange a alimentação, a gestão do ambiente e a cultura humana. Para muito além do objetivo de gerar lucro, a agricultura deveria ser vista como a atividade humana de gerenciar o ambiente e de obter alimentos e outros produtos (SOGLIO & KUBO 2016, p. 15 e 16).

Conforme essa pesquisa, junto a essas cinco famílias, um dos principais motivos levantados pelos filhos, que ajudou a eles optarem por viverem no urbano e saírem da atividade da família, foi a troca de escola, saindo da escola da localidade e indo estudar no urbano, onde conforme eles relataram mudou o ambiente escolar, a convivência com outros colegas que eram do urbano e a maneira de se estudar, saindo do foco da agricultura, pois conforme alguns desses jovens relataram, os professores do urbano não estão capacitados para receberem esses jovens do rural.

Garnica (2005, p. 126) escreve que um professor que atua somente com alunos do urbano e tem formação cultural e acadêmica toda voltada para o urbano, não conhece o ambiente que esse aluno vindo do rural vivencia em sua antiga escola, relativos a hábitos e experiências, onde esses muitas vezes conviviam com a dificuldade de locomoção, falta de materiais didáticos, entre outros problemas enfrentados na educação rural, além de tudo isso.

Esse mesmo autor ainda fala que esses professores aplicam em sala de aula discursos que falam da modernização tecnológica, do bem estar do urbano e do fácil acesso aos bens de consumo, aonde vem fortalecer o desligamento como ele diz “*do caipira de suas origens*”, fazendo com que os jovens desejem abandonar o campo e busquem o urbano como meio de vida. Vaz e Souza (2009) dizem que:

Um professor que trabalha no meio rural deve conhecer o local em que o aluno vive para poder nele despertar a vontade de conhecer a região em que se encontra inserido e os aspectos culturais da população característica de seu meio; ainda, para que o aluno possa saber viver nesse espaço e, quando se tornar adulto, ser um trabalhador digno do campo, que conheça e saiba utilizar as riquezas de sua terra, o que não seria possível àquela criança que recebeu uma educação apenas pautada no currículo urbano. Além disso, a escola é o local no qual o aluno entrará em contato com realidades de outros lugares e terá acesso aos conhecimentos construídos socialmente na trajetória humana (VAZ; e SOUZA 2009, p. 867).

Todos os pais entrevistados, disseram que gostariam muito que seus filhos continuassem as atividades na propriedade, porém todos também apoiam as decisões tomadas e dizem que os filhos têm um futuro melhor em atividades urbanas, a maioria disseram que os atrativos do urbano, como o fácil acesso às modernizações e tecnologias, o deslumbre social, entre outros, são fatores que levaram esses jovens a optarem pela vida no urbano e a não continuidade nas atividades rurais de suas famílias, Kischener (2015, p.136) também disse que:

Gerações que são diferentes, filhos com maior escolaridade do que seus pais, pais jovens e ativos, jovens sedentos por projetos individuais, ou maior autonomia e padrão de renda que possibilite acesso a consumo semelhante ao urbano; comunidades que se esvaziaram demograficamente, sociabilidades externas que se achegaram depois da globalização, da abertura dos mercados, da modernização da agricultura e da mercantilização da vida social que se espraia; esses dados geram questionamentos sobre o futuro da agricultura familiar de pequeno porte econômico (KISCHENER, 2015, p. 136).

Alguns dos filhos entrevistados disseram que têm ainda um grande sentimento em não saber o futuro das propriedades e de suas famílias, sem saber o que acontecerá depois que os pais não puderem mais trabalhar nas mesmas, nesse caso conforme Spanevello (2008, p. 207)

“alguns agricultores, pela ausência de sucessores, necessitam vender os estabelecimentos e passarão a residir nas sedes dos municípios, contando geralmente com os recursos da aposentadoria para sobreviver”, no caso dessas famílias a maioria dos pais pretendem morar na localidade, mas dizem não saber se venderão ou se irão arrendar suas terras.

Outro fator da não sucessão que pode ser diagnosticado após a pesquisa, foi que os jovens cresceram vendo seus pais trabalhando muito e tendo pouco retorno financeiro na atividade agrícola de suas propriedades, ou seja, as dificuldades da produção de renda têm influência direta na decisão dos jovens de não seguirem na atividade rural, conforme Oliveira e Schneider (2009 p. 150):

(...) os padrões sucessórios alteraram-se, e as condições e possibilidades econômicas que o mundo rural oferece não têm garantido a permanência da juventude rural nas propriedades dos pais. Ou seja, o meio rural está envelhecendo e masculinizando-se, os agricultores têm baixa escolaridade e dificuldades para produzir renda suficiente e regular, sendo esse um dos tantos fatores que geram obstáculos à permanência dos jovens nas propriedades, impedindo-os de vislumbrar o meio rural como um local adequado para o projeto de suas vidas (OLIVEIRA; SCHNEIDER, 2009, p. 150).

Silvestro et al. (2001, p.28) dizem que se olharmos o contexto junto aos agricultores com renda baixa, o futuro produtivo é tão precário, devido à precária qualidade das terras de suas famílias, com isso o mercado do trabalho no urbano se torna muito mais promissor e atrativo, mesmo tendo riscos ou dificuldades.

Esse mesmo autor escreve que a segurança reprodução social dentro da agricultura familiar provoca indispensavelmente, o acompanhamento de um membro da família, ou seja um dos filhos. Porém desde que um deles deseje planejar sua vida profissional em torno da propriedade rural, portanto para que haja uma garantia de sucessão, é necessário que se tenha um sucessor, isto é, além de se ter um herdeiro, esse deve ter vontade de seguir na atividade de sua família, e que aceite se submeter às condições de vida e ao ofício que seus pais trabalham (SILVESTRO et al. 2001, p.20 - 21).

O que pode ser sugerido nessa questão da não sucessão desses jovens nas propriedades de seus pais, são, buscar incentivos junto a políticas públicas, que venham apoiar a regulamentação de um preço mínimo para a produção do leite, e que incentivem, através de tecnologias mais centralizadas ao aumento da produção em pequenas propriedades, sem precisarem aumentar sua área de terra.

Enfim o futuro dessas famílias do interior do município de Três de Maio – RS, ainda é incerto de maneira que os filhos têm carreiras já começadas no urbano, ou pretendem segui-las, conforme praticamente todas as famílias falaram nas entrevistas, todos apoiam ou

apoiaram seus filhos a estudarem, fazendo assim com que os mesmos tivessem mais acesso a educação e às modernidades fornecidas pelo urbano, Silvestro et al. (2001 p.30) escreve que *“acabaram ficando na propriedade paterna exatamente aqueles jovens que menos tiveram oportunidades educacionais”*.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e agricultura familiar**: desafio dos novos padrões sucessórios, Brasília: Edição Unesco, 1998, 101p. Segunda Edição.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretária da Agricultura Familiar. **O que é o Pronaf?** Brasília: MDA/SAF, 2005. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/saf>>. Acesso em: 10 jan. 2008.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo; EXODO RURAL, ENVELHECIMENTO E MASCULINIZAÇÃO NO BRASIL: PANORAMA DOS ÚLTIMOS CINCOENTA ANOS; edição 1997. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/1EncNacSobreMigracao/AnaisENSMigracaocuritiba1997p303a327.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2017.

CANHOLI, Patrícia Fracarolli. **Dilemas e Desafios da Juventude Rural**: Um Olhar Sobre o Alto da Serra de São Pedro SP; Piracicaba, 2014, Tese Apresentada para Obtenção do Título de Doutora em Ciências Area de Concentração: Ecologia Aplicada. Disponível em: file:///C:/Users/HP/Downloads/Patricia_Fracarolli_Canholi_versao_revisada.pdf. Acesso em: 16 abr. 2017.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T., SANTOS, R., COSTA, L. F. C. **IN: Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/anpocs/carne.rtf> Consultado em: 12 nov. 2017.

CARVALHO, Daniela Moreira; SANTOS, Alyson Brayner; JÚNIOR, Jalmir Pinheiro Souza; FERRER, Moises Tenorio; PERSPECTIVAS DOS JOVENS RURAIS: CAMPO VERSUS CIDADE; Grupo de Pesquisa: Agricultura Familiar e Ruralidade, **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, julho de 2009. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/13/881.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2017.

COSTA, Adriana Maria da Silva. **Fatores Econômicos e Culturais na Agricultura familiar: Um Estudo Sobre o Oeste Catarinense.** Viçosa, Minas Gerais, 2010.

COUTO, Maria Elizabete Souza; **A ELABORAÇÃO DA ENTREVISTA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO;** edição 2017. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/pedagogia/seminario-integrador3/ENTREVISTA-NA-PESQUISA-EM-EDUCACAO.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2017.

DALCIN, Dionéia; TROIAN, Alessandra; JOVEM NO MEIO RURAL A DICOTOMIA ENTRE SAIR E PERMANECER: UM ESTUDO DE CASO; GRUPO DE TRABALHO 7 RURALIDADES E MEIO AMBIENTE; Sociologia e Política, **IN: I Seminário Nacional Sociologia e Política UFPR 2009.** Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT7%20online/jovem-meio-rural-DioneiaDalcin.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2017.

DREBES, Laila Mayara; Projeto de juventude rural, campo de possibilidades e migração: um estudo documental do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR); **Revista Monografias Ambientais – REMOA**, v.13, n.5, dez. 2014, p.4087-4098 Revista do Centro das Ciências Naturais e Exatas - UFSM, Santa Maria. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/15036-74321-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.

EMATER, ASCAR-RS; **RS: O Futuro da Bacia Leiteira é Discutido por Lideranças no Noroeste Gaúcho.** Edição 2015. Disponível em: <https://www.milkpoint.com.br/cadeia-do-leite/giro-lacteo/rs-futuro-da-bacia-leiteira-e-discutido-por-liderancas-no-noroeste-gaucha-96662.n.aspx>. Acesso em: 19 set. 2017.

EVANGELISTA, F. R; CARVALHO, J. M. M. **Algumas considerações sobre o êxodo rural no nordeste.** Novembro 2001. Disponível em: http://www.bnb.gov.br/content/Aplicacao/ETENE/Rede_Irigacao/Docs/Algumas%20consideracoes%20sobre%20o%20Exodo%20Rural%20no%20Nordeste.PDF > Acesso em: 10 jun. 2017.

FETRASUL; **Êxodo rural entre a juventude se agrava no Brasil; Agricultura Familiar,** 28, set. 2011. Disponível em:

http://www.fetrafsul.org.br/siteantigo/index.php?option=com_content&view=article&id=1215:exodo-rural&catid=1:ultimas-noticias&Itemid=104. Acesso em: 10 jun. 2017.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. *Escolas, professores e caipiras: exercício para um descentramento histórico, Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 121-136, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a09v31n1.pdf>. Acesso em: 07 out. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GNIGLER, Miguel L.; **O Processo de nucleação das escolas isoladas**; Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, edição 2010; disponível em: <https://www.mprs.mp.br/infancia/doutrina/id208.htm> Acesso em: 11 jun. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo; **Métodos de Pesquisa**; primeira edição 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2017.

HAAS, Tiago Alex. **A Sucessão Familiar Rural e as Relações Intergeracionais no Distrito de Alto Erval Novo no Município de Três Passos/RS**. UFRGS Curso Plageder 2013, Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87438/000907281.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 set. 2017.

JUCHEM, Dionise Magma; BOSCARIN, Paola; CÉSPEDES, Edgardo Alfredo Herrera. Principais Problemas Enfrentados na Hora da Sucessão na Propriedade Rural: Evidências Empíricas. **In: Semead, 8**, FEA/USP, 11 a 12, agosto, 2005, São Paulo.

KISCHENER, Manoel Adir. **A Sucessão Geracional da Agricultura Familiar Num Contexto de Mercantilização e Modernização**. Universidade Tecnológica do Estado do Paraná Campus de Pato Branco, 2015. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1220/3/PB_PPGDR_M_Kischener%2C%20Manoel%20Adir_2015.pdf. Acesso em: 19 set. 2017.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1605/1577>. Acesso em: 08 jul. 2017.

LUZ, Rudson Luís da Rosa; **Seguir ou Não na Atividade Agrícola?** Um Olhar Sobre as Perspectivas dos Jovens Rurais de Quaraí; curso de Plageder UFRGS 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54687/000855553.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 mai. 2017.

MAURINA, Adilson. **O êxodo rural e as transformações ocorridas na comunidade rural de Veado Pardo, município de Marau**, RSUFRGS, Camargo, 30 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000041/000041AC.pdf.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2017.

MENEGHINI, Rafael C. M. **Questões que afetam o preço do leite e empreendimentos leiteiros**, 01, junho, 2011. Disponível em: <https://www.milkpoint.com.br/radar-tecnico/gerenciamento/questoes-que-afetam-o-preco-do-leite-e-empreendimentos-leiteiros-72157n.aspx>. Acesso em: 22 out. 2017.

MORCELLI, Gabrielç. **Êxodo Rural: A migração do jovem do campo para a cidade**; By agencia da Hora, novembro de 2015. Disponível em: <http://decom.ufsm.br/dahora/2015/11/11/exodo-rural-a-migracao-do-jovem-do-campo-para-a-cidade/>. Acesso em: 10 jun. 2017.

NEVES, Eloiza D. **O TRABALHO DE PROFESSORES EM CONTEXTO RURAL: UMA INVESTIGAÇÃO**. PUC Rio, GT: Educação Popular / n.06, 2005. Agencia Financiadora CNPq. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06-3103-int.pdf> Acesso em: 07 out. 2017.

NIEDERLE, Paulo André; RADOMSKY; Guilherme Francisco W. (ORGS); **Introdução às Teorias do Desenvolvimento**: Editora UFRGS primeira edição 2016.

OLIVEIRA, Daniela; SCHNEIDER, Sérgio. O futuro das unidades familiares: uma análise das possibilidades de sucessão hereditária entre os agricultores ecologistas de Ipê (RS). **Novos Cadernos NAEA** v. 12, n. 2, p. 149-174, dez. 2009, ISSN 1516-6481. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/320-1491-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 out. 2017.

OLIVEIRA, Evandro de; LEANDRO, Fleck; MARCIO, Becker; EXODO RURAL E SUA PROBLEMÁTICA EM RELAÇÃO AO MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE CIVIL; VII Expedição Geográfica da UNIOESTE: Espaços de Fronteira – Território e Ambiente, 14 a 17 de setembro 2011. Disponível em: <http://cac.php.unioeste.br/eventos/geofronteira/anais2011/Arquivos/Artigos/GESTAO/Artigo75.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PANISSON, Ivete Teresinha Carra; ATUATTI, Mario Amarildo. **ÊXODO RURAL NO MUNICÍPIO DE ANTÔNIO PRADO NAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS: CAUSAS, IMPLICAÇÕES E PERSPECTIVAS**. Curso de Geografia da Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, 2008. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2425/Tcc-%20Ivete%20Panisson.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 jun. 2017.

PENA, Rodolfo F. Alves; Êxodo rural no Brasil. **Revista de política Agrícola (Embrapa)**. Ano XX – nº 2 – Abr./Maio/Jun. 2011. pp.80-88. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/Exodo-rural-no-brasil.htm>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PUNTEL, Jovani Augusto; PAIVA, Dr Carlos ÁguedoNagel; RAMOS, Drª Marília Patta. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. **Anais do circuito de debates acadêmicos CODE 2011**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo20.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2017.

RODRIGUES, Paulo Sérgio; PERIPOLLI, Odimar João; O ÊXODO RURAL ENTRE OS JOVENS CAMPONESES: o desafio colocado à escola; **Revista Eventos Pedagógicos**, v.5, n.2 (11. ed.), número regular, p. 291 - 300 jun./jul. 2014. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/1505/1117>. Acesso em: 11 jun. 2017.

RODRIGUES, R. Depois da tormenta. São Paulo, São Paulo, Brasil: 2008. 288

ROTA Mapas, **Distância entre Porto Alegre e Três de Maio**, edição 2017. Disponível em: <http://rotamapas.com.br/distancia-entre-porto-alegre-e-tres-de-maio>. Acesso em: 17 set. 2017.

SANTOS, Carlos José Giudice dos; Tipos de Pesquisa: Pesquisa Exploratória; edição 2017. Disponível em: http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/METODOL/_OF.TIPOS_PESQUISA.PDF. Acesso em: 07 jul. 2017.

SIKORA, Denise; **A EDUCAÇÃO E SEUS CONDICIONANTES FRENTE AO ÊXODO RURAL**; edição 2011. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2006/Denise%20Sikora.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.

SILVESTRO, M. L. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural NEAD, 2001. Disponível em: file:///C:/Users/HP/Downloads/os_impasses_sociais_da_sucessao_hereditaria_da_agricultura_familiar.pdf. Acesso em: 21 out. 2017.

SOGLIO, Fábio Dal; KUBO, Rumi Regina (ORGS). **Desenvolvimento, Agricultura e Sustentabilidade**; Editora UFRGS primeira edição 2016.

STUANI, Camila; NECKEL, Anderson; FICAGNA, Alba Valéria Oliveira. **Jovens Herdeiros**: Uma Análise da Sucessão Familiar em Pequenas Propriedades Rurais de Nova Araçá. Passo Fundo, 2016. Disponível em: <http://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/335.pdf>. Acesso em: 22 set. 2017.

VAZ, Gessiana Künzle Tristão; SOUZA, Maria Antônia de. ESCOLA DO CAMPO, TRABALHO PEDAGÓGICO E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE. **IX Congresso Nacional Da Educação** – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia 26 a 29 de outubro de 2009 PUCPR. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1986_982.pdf. Acesso em: 07 out. 2017.

WAITLEY, Denis. **A felicidade, a Riqueza e o Sucesso são Subprodutos dos Objetivos que Estabelecemos**, Não Podem ser os Próprios Objetivos; Master 22 setembro, 2010. Disponível em: <http://darleisimioni.blogspot.com.br/2010/09/metodos-de-coleta-de-dados.html>. Acesso em: 09 jul. 2017.

ZAGO, Nadir; Migração rural-urbana, juventude e ensino superior; **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 64 jan. Mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0061.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2017.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

ESTRUTURA DO QUESTIONÁRIO FEITO COM AS FAMÍLIAS ENVOLVIDAS

1. Nome:

2. Quantas pessoas vivem na família e dependem da agricultura para sobreviver?

3. Qual é a área da propriedade?

4. Porque os jovens dessa família resolver seguir outro caminho e não a atividade de seus pais?

5. Qual foi a principal motivação para que isso acontecesse?

6. Após os filhos tomarem a decisão de abandonar a atividade agrícola, qual foi a primeira medida tomada pelos pais?

7. Ficou mais fácil, mais difícil... Por quê?

8. Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos pais ficando sozinhos na atividade? Enumerar por ordem de importância (não é necessário assinalar todos os itens).
 - a. recursos financeiros
 - b. falta de mão de obra.
 - c. dificuldade com as novas tecnologias.
 - d. perspectiva de futuro sem a sucessão
 - e. outra:.....

9. Como esta a qualidade de vida dos pais que permaneceram na atividade agrícola, e dos filhos que mudaram de atividade? Por quê?

10. Qual é a expectativa para o futuro dessas famílias?